

# Para Abamec, primeiro leilão mostrou que a idéia funciona

O primeiro leilão de conversão da dívida externa foi um sucesso. Pela primeira vez na história o Banco Central, as Bolsas de Valores e a Comissão de Valores Mobiliários se entenderam. Isso, contudo, não afasta a preocupação do mercado quanto à forma de participação dos fundos de conversão. Essa é a análise feita ontem, em São Paulo, por Humberto Casagrande, presidente da Associação Brasileira dos Analistas de Mercado de Capitais (Abamec). De qualquer forma, garantiu, o primeiro leilão mostrou que eles vieram para ficar e, em pouco tempo, não passarão de fatos rotineiros.

“É óbvio que mecanismos operacionais passarão a ser incrementados. No momento, entretanto, o mercado mostrou que um leilão livre funciona”, disse Casagrande, ao considerar inoportuna a eliminação do deságio nessa fase do processo de conversão. Para ele, não há por que mudar. “Se é oferecido 15% e há quem pague até 30% de deságio, não me parece ser esse o momento para modificações. Essa é uma medida para, talvez, daqui a três meses.”

Entre os mecanismos a serem introduzidos, o presidente da Abamec

cita o aumento do tamanho dos lotes, ou seja, ao invés de iniciar as operações com deságio crescente de meio em meio por cento, se poderia elevar essa relação para 1%. “Vamos passar por processos de aprimoramento, mas isso não será muito difícil, pois a CVM, o BC e as Bolsas estão trabalhando afinados.”

Enquanto perdurar esse relacionamento, Casagrande aposta no lado benéfico, principalmente para as empresas de capital aberto, “pois as emissões voltaram a sair das gavetas”. Este ano, para ele, está com tendência positiva para as bolsas, podendo significar a recuperação do ano passado. “Há uma demanda reprimida muito forte e pode transformar-se em novos lançamentos, como em 1985.” O ponto de vista de Casagrande, no entanto, esbarra na falta de uma política industrial, que, segundo diz, deveria existir antes da medida de conversão da dívida. “Como isso não existe, o privilégio dado a certas regiões é feito de forma casuística. Não deve haver esse tipo de divisão, seja qual for a região a ser favorecida.”

**WALD**

Já para o presidente da CVM,

Arnold Wald, a importância dos leilões de conversão da dívida externa reside na perspectiva de os investidores externos retornarem ao País, animados pela possibilidade de retomada do desenvolvimento econômico, aumento do número de emissão de novas ações e maior movimentação nas bolsas de valores. Ele considerou um êxito completo o leilão realizado, antecorrendo, na Bolsa de Valores do Rio, porque caracterizou uma reversão de expectativa em relação ao capital estrangeiro. O deságio obtido, segundo enfatizou, correspondeu aos interesses do País e dos credores externos.

Na opinião do presidente da CVM, não convém aumentar o montante das ofertas de conversão em investimento de risco, porque o governo teria de emitir cruzados para efetuar a conversão, prejudicando seu programa antinflacionário. De acordo com suas estimativas, o Brasil contará, este ano, com cerca de US\$ 4 bilhões para conversão em investimento, incluídas nesse total as liberações anteriores ao leilão e os débitos vencidos a serem convertidos através do registro de capitais estrangeiros.